

Antroposofia Tupiniquim: Brasil Além das Palmeiras

Dedicado ao Grupo Pindorama

Uma Contribuição Brasileira para o Congresso da Ascensão
7. Himmelfahrtstagung - Stuttgart, Alemanha/2019
Carlos Brito

Maktub! É o que sinto hoje aqui. Sinto que estou no momento certo e na hora certa, mas confesso que não sei o real significado de estar aqui.

É a primeira vez que eu falo em público, eu sempre fugi dessa situação, mas também sempre desejei que esse dia chegasse. É um grande desafio pra mim! Um verdadeiro pesadelo misturado com sonho!

Agradeço ao Steffen Hartmann pelo convite para falar sobre Brasil e Antroposofia. Eu vejo este convite como um “Chamado de Widar”. Widar é o arcanjo que tem muito a ver com o silêncio e com tudo aquilo que não foi realizado. Mas chegou o tempo em que Widar começa a falar mais abertamente aos corações humanos e a contribuir para que o “não-nascido” se manifeste.

Crise e Momento Atual

É muito curioso e simbólico pra mim falar aqui hoje sobre o Brasil enquanto, no momento atual, enfrentamos uma crise única na nossa história. O país está polarizado entre Bem e Mal. As nossas florestas e terras indígenas correm perigo; o preconceito em todas as suas formas nunca esteve tão evidente; o feminicídio é uma realidade diária. A natureza tem dado constantemente sinais claros de que não agüenta mais ser maltratada e explorada e a corrupção nunca esteve tão visível quanto agora.

E uma das estratégias do Mal neste caos todo é que percamos nossa essência enquanto povo, descaracterizando completamente nossos valores e qualidades anímicas que adquirimos a um preço alto ao longo de nossa história.

Por isso acho muito importante que minha palavra aqui hoje seja um resgate da identidade do meu povo e também um relembrar da nossa missão; mesmo que seja aqui no estrangeiro! Com minha profunda admiração e gratidão ao Rudolf Steiner desejo que minha voz encontre eco a leste, oeste, norte e sul!

Miscigenação

Falar de Brasil é falar de futuro! O Brasil é o país mais miscigenado do mundo. Todos os povos e todas as nações se encontram e se misturam no Brasil. Podemos dizer que o Brasil é a Nova Galiléia do Mundo!

Rudolf Steiner fala no “Evangelho de João” que foi nas Bodas de Caná, na Galiléia, que o Cristo iniciou sua missão de dar aos homens uma “consciência do Eu” não mais ligada ao parentesco sanguíneo. Era porque lá, diferente da Judéia, a miscigenação sanguínea era um fato, uma característica importante e necessária para que este evento ocorresse. Vemos então a importância da miscigenação logo no início do Ministério do Cristo.

E eu vejo que a miscigenação no Brasil, que foi orquestrada pelo mundo espiritual, está intimamente ligada à missão espiritual que o Brasil tem para realizar no mundo.

Alma Brasileira

Eu gostaria de falar sobre a formação da Alma do Povo Brasileiro para que vocês compreendam um pouco o receptáculo no qual a Antroposofia vem sendo acolhida no Brasil.

Os primeiros habitantes do Brasil eram descendentes dos antigos povos Atlantes que, ao contrário da Corrente guiada por Manu ao Oriente, dirigiram-se para o atual continente americano.

Apesar de sabermos sobre possíveis relacionamentos com outras culturas de além-mar, o Brasil ficou como que “preservado” por muitos séculos da cultura ocidental e somente quando o “Arqueu do Nosso Tempo” inaugura a época da “Alma da Consciência”, com as grandes navegações, é que o Brasil “nasce” finalmente para o “Velho Mundo”.

E com a chegada dos portugueses ao “Novo Mundo”, começa então a saga da formação do povo brasileiro.

O índio nativo que já era miscigenado por natureza, através de seu intenso intercâmbio e relações com as diversas tribos existentes em toda a América do sul, se mistura com o português que já era também um povo miscigenado. E com o tráfico negreiro e o infame episódio da escravidão em nosso país são os negros, das mais diversas tribos e etnias, que chegam para completar esta mistura de raças.

É do encontro dessas três matrizes anímicas que surge a Alma Brasileira!

É verdade que houve migrações de outros povos no início do séc XX nos imprimindo seus hábitos e costumes, mas a origem do nosso povo tem como raiz estas três raças: o índio, o branco e o negro.

E foi à custa de muitas lágrimas, suor e sangue que a alma do brasileiro foi “forjada” e lapidada. Houve muita crueldade e sofrimento, mas houve também a doçura mais terna e o amor mais verdadeiro. O respeito e o interesse pelo outro e pelo diferente fizeram também parte desse processo.

O Mal que era vivido na carne dava à luz ao Bem na alma do povo que aprendia a rir quando na verdade devia chorar. O brasileiro adquiriu a capacidade da resiliência, desenvolvendo em si a empatia, a compaixão e a fraternidade no seu sentido mais puro.

Espiritualidade no Brasil

Mas não foi só o povo que se misturou. Houve uma intensa mestiçagem também no mundo espiritual.

Aos seres da floresta e às entidades do sol e da lua que eram cultuados pelos índios, somaram-se um panteão de deuses, santos, mártires e seres divinos vindos de além-mar.

Nos porões dos navios negreiros vieram escondidos e aprisionados os deuses africanos. Representantes dos espíritos da natureza, estes foram sincretizados com os santos católicos e passaram a ser cultuados clandestinamente em nossas igrejas, mas também em nossas matas, rios, mares e cachoeiras.

Como fruto dessa “espiritualidade mestiça” surgiu na alma do brasileiro uma grande abertura ao mundo espiritual e uma disposição nata à espiritualidade.

Não é sem razão que a Padroeira do Brasil é uma Madona Negra que foi pescada num rio por três pescadores. Essa Virgem Negra, aparecida nas águas, é a expressão máxima de devoção da nossa alma mestiça e a grande representante do imenso culto à Maria, herança católica portuguesa, que existe no Brasil.

O brasileiro crê em muitas coisas e bebe de muitas fontes do mundo espiritual e tem uma alma genuinamente devocional. A profunda devoção do povo brasileiro ao culto mariano, num sentido mais profundo, é a devoção ao “Eterno Feminino”. Esta devoção existe também, de uma forma meio inconsciente, no amor que o brasileiro tem à natureza.

A forte devoção à São Miguel, o nosso grande Arqueu, demonstra também que o Brasil está sob a insígnia e proteção de Micael.

Três Símbolos Nacionais

Rudolf Steiner aponta no início de seu livro “Apocalipse de João” que “todas as coisas sensoriais que nos vêm ao encontro na vida, tanto as grandes quanto as pequenas, são a expressão fisionômica de algo espiritual supra-sensível”.

E eu gostaria de apresentar à vocês três símbolos. Eles representam a identidade do povo brasileiro no mundo e revelam, de certa forma, algo da nossa missão espiritual. Eles se inter-relacionam e, no fundo, carregam uma mesma mensagem.

Um fato curioso é que todos estes três símbolos foram frutos de concurso, revelando então uma característica marcante do “Arcanjo Inspirador do Povo Brasileiro” em permitir a participação de diferentes individualidades na construção destes três símbolos nacionais.

Bandeira Brasileira

O primeiro deles é a nossa Bandeira Nacional.

Apesar de haver toda uma história e significado, a maioria dos brasileiros associa as cores verde e amarelo, da nossa bandeira, às nossas florestas e riquezas minerais. Para nós a bandeira brasileira não exprime a política nem a história. Ela é um símbolo da natureza. Ela é a representação do Brasil como Paraíso na Terra.

Eu gostaria de chamar a atenção de vocês para a abóboda celeste onde resplandece a imagem do Cruzeiro do Sul.

No Hemisfério Norte nós tivemos a cruz física na época do Cristo.

No Hemisfério Sul nós temos a cruz celeste, representada por esta constelação.

Um fato curioso na nossa bandeira é que esta constelação e as demais estrelas, que representam os estados brasileiros, estão de maneira inversa, espelhada, como se o observador estivesse além das estrelas fixas, fora do globo terrestre, representando o olhar divino, que abençoa o nosso país.

A Bandeira Nacional é a nossa “Imagem Maior”. É a imagem que nos representa enquanto nação perante o mundo, sob a benção e proteção de Cristo.

E eu penso que ela simboliza também o nosso Pensar. Um pensar vivo e intuitivo, permeado de sentimento. Um pensar que tem a liberdade para seguir uma lógica que vem do coração.

Hino Nacional

O outro símbolo que nos representa é agora um “Som”. É o nosso Hino Nacional.

Existe uma expressão popular que diz que “o Brasil é abençoado por Deus”. Esta expressão tem sua origem no nosso “Mito Fundador”, quando as primeiras descrições sobre a nossa terra eram a pura descrição do “Paraíso Terrestre”.

E o nosso hino é uma ode de amor a essa natureza exuberante que figura como paraíso ou berço do mundo. A natureza é a representação do feminino e ela é

figurada em nosso hino como uma Mãe Gentil. No Brasil a Deusa Natura está viva e ela fala aos nossos corações!

O hino brasileiro faz menção também à imagem do Cruzeiro que resplandece em nosso céu risonho e límpido, demonstrando que o Brasil está sob o amparo e a proteção de Cristo.

O nosso hino representa a igualdade do nosso povo em se sentir, mesmo com todas as nossas diferenças, como filhos legítimos da mesma Terra-Mãe Gentil. E pra mim ele é a expressão de todo o nosso Sentir. Um sentir caloroso, vibrante, devocional e pleno de amor.

Cristo Redentor

O terceiro símbolo que nos representa é a representação de um “Ser”: a escultura do Cristo Redentor, no altar-natural do Corcovado, na cidade do Rio de Janeiro. Este é o nosso cartão-postal mundo afora.

Podemos dizer que o Brasil é o maior país cristão do mundo, pois mesmo adeptos das mais diferentes religiões existentes no Brasil têm uma devoção natural ao Ser do Cristo.

O Cristo habita o coração do povo brasileiro e não é à toa que é ele o ser que nos representa ao redor do mundo.

O Cristo Redentor é o Arquétipo da Alma do Povo Brasileiro!

Com seus braços abertos em forma de abraço, ele representa a nossa Fraternidade. Sua atitude de irmandade e acolhimento é a expressão gestual da nossa hospitalidade. No Brasil todos são muito bem-vindos!

Seu coração extravasa o peito, demonstrando que somos um “Povo do Sentir”. Temos muito amor para dar, amamos a vida, as relações humanas e a natureza.

Seu olhar não é para cima, nem para o horizonte, mas singelamente para baixo. Voltado para aquele que sofre, para aquele que geralmente não é visto, para aquele que precisa de ajuda. Este olhar solidário demonstra a compaixão e a empatia que o brasileiro tem de se colocar no lugar do outro e de ajudar mesmo quando precisa de ajuda.

Seus pés descalços representam nossa natureza simples de celebrar e dançar a música da vida nas ruas, onde o povo está.

O Cristo Redentor é o nosso “Grande Representante”. Representante da comunidade miscigenada e nascida do espírito que existe no Brasil.

Um fato curioso é que ele está a 709 metros acima do nível do mar e é muito comum durante o ano o Cristo Redentor aparecer entre as nuvens. Penso que para nós da Antroposofia, ele também seja a lembrança do Cristo Etérico, pois

sabemos que a segunda vinda do Cristo será no corpo etérico e não mais num corpo físico.

| Bandeira do Brasil | Hino Nacional | Cristo Redentor |
|---------------------------|----------------------|------------------------|
| Imagem | Som | Ser |
| Pensar | Sentir | Querer |
| Liberdade | Igualdade | Fraternidade |

Brasil e Antroposofia

O Cristo é o cerne da Antroposofia, e é justamente na esfera crística do sentir, que nós brasileiros somos tocados de encantamento pela Antroposofia. Nós a validamos com toda sua dimensão porque ela atinge a esfera sagrada em nós onde impera a Fraternidade.

Com suas aplicações práticas, ela sacia a nossa eterna vontade de ver o espiritual atuando no mundo. Com isso ela nos integra, dando coerência a todo o nosso ser.

Não é a toa que a Antroposofia encontrou no Brasil um solo fértil para se desenvolver. E nós temos profissionais brilhantes e muito competentes que a desenvolvem com maestria em todas as áreas em que ela atua.

Mas a relação do Brasil com a Antroposofia eu vejo ainda como um mistério a ser desvelado.

O Pequeno Théo

Podemos começar a tatear esta relação já na época da construção do primeiro Goetheanum, quando Theodor Faiss, o pequeno brasileiro de 7 anos, morre de forma trágica perto do Goetheanum no dia 07 de outubro de 1914.

Théo era o filho mais velho de uma família alemã que morou no sul do Brasil na época de seu nascimento. E na época da construção do Primeiro Goetheanum eles estavam morando nos seus arredores.

O pai de Théo estava lutando na Primeira Guerra e o menino tentava assumir o posto de seu pai ajudando a Mãe da maneira que podia. Ele estava levando um recado para o refeitório quando uma van de móveis tombou sobre ele. Théo permaneceu soterrado por horas até que o encontrassem por volta da meia-noite.

Rudolf Steiner nos diz que o primeiro Goetheanum era a expressão física da Antroposofia no mundo e que o corpo etérico do pequeno Théo tornou-se o corpo de vida do Goetheanum. Graças ao sacrifício de Théo o Goetheanum tornou-se um edifício espiritualmente vivo.

Ele fala que foi uma grande doação, um grande ato espiritual. Théo sacrificou o seu ser pelo desenvolvimento físico da Antroposofia no mundo. De acordo com Steiner as circunstâncias todas foram dirigidas pelo carma do menino numa notável cadeia de eventos que permitiu que o acidente acontecesse.

Logo após sua morte, sua individualidade adaptou seu corpo etérico para auxiliar na construção em Dornach. Três meses após sua morte Rudolf Steiner relatou que a aura inteira do prédio havia mudado. Seu corpo etérico havia se expandido grandemente e fundiu suas forças com a aura do edifício que ficou totalmente ativo.

Essas novas forças ofereceram apoio aos que precisavam encontrar idéias para que o edifício se integrasse ao mundo espiritual da maneira correta. Estas forças do jovem corpo etérico do pequeno Théo são forças presentes no mundo espiritual, mas reuni-las seria uma tarefa hercúlea, daí o “grande trabalho e sacrifício de Théo” ao reuni-las em seu ser e doá-las através de sua morte para contribuir com a Antroposofia.

Com o incêndio do primeiro Goetheanum, não sabemos se houve uma possível metamorfose de seu corpo etérico e nem mesmo se sua individualidade continua a inspirar a Antroposofia. Existem pesquisas de antropósofos renomados a este respeito. Há relatos também que dizem que Théo era a reencarnação de Goethe e que este episódio relacionado com sua morte contribuiu também para que a antiga “Casa de João” recebesse o nome de Goetheanum.

Eu gostaria de hoje, ao trazer a lembrança de Théo e da dimensão espiritual de sua morte, prestar minha homenagem, como brasileiro, à esta pequena grande individualidade que chegou a viver parte de sua infância também aqui em Stuttgart.

Pedagogia Waldorf

E este ano em que Stuttgart e todos nós estamos em festa, comemorando os 100 anos da fundação da Pedagogia Waldorf, acho importante comentar que no Brasil existem muitos professores e pesquisadores empenhados em realizar, cada vez mais, a integração da Antroposofia com a Cultura Brasileira.

Atualmente temos cerca de 270 Escolas Waldorf em todo o Brasil e é através delas que muitos brasileiros chegam à Antroposofia.

Eu gosto muito e apoio a corrente que defende a idéia de uma Escola Waldorf Intercultural que procura estudar e integrar as diferentes vozes culturais que ecoam no mundo através da Antroposofia.

Eu vejo esse incluir das tradições indígenas e africanas dentro das salas de aula de algumas escolas pioneiras no Brasil como um ato importantíssimo e fundamental.

Os elementos culturais influenciando e permeando a Pedagogia Waldorf ajudam na compreensão da nossa identidade e também na melhor integração da Antroposofia no Brasil, além de enriquecê-la e ampliá-la.

Eu vejo esta inclusão também como um pequeno ato de redenção, pois ao darmos o devido valor a estas culturas somos convidados, de certa forma, a dar o primeiro passo para redimir nosso carma coletivo devido às atrocidades cometidas a estes povos.

Suas imagens, mitologias, sabedorias e belezas não devem ser marginalizadas, mas sim conhecidas e reconhecidas, pois são verdadeiros tesouros da humanidade que continuam muitas vezes sendo depreciadas.

A Antroposofia está no mundo para toda a humanidade e deve ser reconhecida em todas as suas nuances, tons e particularidades. E impedir que este reconhecimento e integração das diversas vozes com quem ela se relaciona aconteça é como amputar ou sufocar parte de seu ser.

Vocês que vivem aqui na Alemanha e na Europa Central e que cultivam as raízes dessa grandiosa árvore chamada Antroposofia têm um papel muito importante. Muitos frutos amadurecerão longe das raízes, em lugares onde a Antroposofia encontrou espaço e liberdade para expandir seu ser. E o fato de reconhecer estes galhos que se abriram ao cosmos em terras longínquas é zelar pela integridade e a harmonia do Ser da Antroposofia.

Nós sabemos que na evolução da humanidade existem determinadas culturas que são preservadas para serem mais tarde fecundadas por outras culturas que atingiram seu ápice em determinado aspecto de seu desenvolvimento. Dando origem então a um novo impulso para a evolução. E eu vejo o Brasil como um grande relicário do coração de toda humanidade, aguardando apenas sua maturação e o momento certo de poder ofertar seu fruto maduro ao mundo.

Eu vejo a atual crise que estamos vivendo com bons olhos, como uma benção, para nos colocar definitivamente nos trilhos do nosso destino. Nós caímos do paraíso para enfim termos a consciência de quem somos! E como povo mercurial que somos, nós vamos girar a roda da vida para viver a aurora de um novo dia.

Com o espírito pleno de gratidão, agradeço a todos vocês pelo ouvir atento de hoje. Agradeço à Maria Célia Guedes por fazer com que minha voz chegasse até o coração de vocês e à Ilona Kaldy pela revisão do texto em alemão. Agradeço também ao mundo espiritual que, de certa maneira, reuniu os nossos destinos aqui hoje.

Eu gostaria de finalizar dizendo que as verdadeiras relações humanas existem somente quando as individualidades são livres para ser quem são. E é somente respeitando este princípio crístico que seremos capazes de fundar novas comunidades na Terra, fundamentadas no Espírito e celebradas na Diversidade que existe entre nós.

Que fique cada vez mais claro entre todos nós que somos Um só Povo e Uma só Nação! Somos todos Filhos da Terra! Eu desejo que a Fraternidade e a Paz impere entre todos nós!

Danke!

Carlos Brito

Referências Bibliográficas:

CHAUI, Marilena. O mito fundador do Brasil. São Paulo: Folha de São Paulo, caderno Mais! 26 de março de 2000.

DISTASI, Richard. Goethe & Saint Paul. HOMRICH, Sonia. Sonia Homrich's Notes on Theodor Faiss In: <https://counselling-soniahomrich.blogspot.com/2017/04/theodor-faissgoethe-richard-distasi.html> Acesso: Março, 2019.

FRANCO, Luciana Sapia. Os Dezesesseis Orixás como imagem na Pedagogia Waldorf. São Paulo: 2013. Disponível em: <http://www.pindorama.art.br/file/orixas.pdf>

MORAES, Wesley Aragão de. Alma Brasileira: Alma Sul Americana, Antropogeografia Oculta. São Paulo: Barany, 2014.

PINDORAMA, Grupo. Na procura da alma do povo brasileiro. São Paulo: Barany, 2014.

SANTOS, Wayne Tobelem dos. Significado do Hino Nacional. Disponível em: <https://www.hinonacionalbrasileiro.net/significado-hino-nacional.php> Acesso: Março, 2019.

STEINER, Rudolf. Apocalipse de João. Trad. Mariangela Motta Schleyer, Karin Glass e Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 2003. Christ in Relation to Lucifer and Ahriman (GA 159). Linz, May 18, 1915. In: Rudolf Steiner Archive: <https://www.rsarchive.org/Lectures/> Acesso: Março, 2019.

.....Evangelho Segundo Lucas. Trad. Edith Asbeck e Livia Landsberg. São Paulo: Antroposófica, 2010.

..... Evangelho Segundo João. Trad. Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 2007.

.....The Etheric Body as a Reflection of the Universe (GA 159). Elberfeld, June 13, 1915. In: Rudolf Steiner Archive: <https://www.rsarchive.org/Lectures/> Acesso: Março, 2019.

VAN EMMICHOVEN, F.W. Zeylmans. A Pedra Fundamental. São Paulo: VeroVer, 2003.